

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. *Ensinar filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009, ISBN 978-85-62971-00-6.

Luis Fernando M. dos Santos-IFPI

*Ensinar filosofia: um livro para professores* é uma obra que foi publicada com o intuito de auxiliar professores na prática da docência no ensino médio. Já que se lutou tanto para que ela viesse a ser obrigatória nesse período da educação dos jovens, agora é o momento de capacitar os professores para essa atividade.

Sendo assim, Renata Lima Aspis<sup>1</sup>, contando com a contribuição do professor/doutor Sílvio Gallo<sup>2</sup>, tomou a iniciativa de desenvolver um trabalho que auxiliasse professores na prática do ensino de filosofia.

A ideia inicial é que não basta ter a filosofia presente no ensino médio como disciplina obrigatória. É necessário que tenhamos refletido acerca do papel e do objetivo que ela tem, correremos o risco de estarmos em sala de aula, como professores de filosofia, achando que estamos ensinando filosofia, quando na realidade estamos apenas contando estórias, que em nada acrescentam a formação dos alunos.

Tendo em vista esta preocupação, nos deparamos logo na introdução, com a seguinte questão: devemos pensar filosoficamente o ensino de filosofia. Isso significa que não devemos simplificar e reduzir a filosofia a uma estrutura arcaica e tradicional de transmissão de informações, já que não é a isso que se reduz a filosofia. Ela por sua vez, deve ir além disso, não devemos, enquanto professores, apenas passar informações, mas ensinar a pensar.

Se, enquanto professores nós apenas passarmos apenas informações, estaremos nos prendendo somente à história da filosofia e perdendo com isso a oportunidade de com o apoio dela e não a abandonando, educar os jovens de hoje, já que

---

<sup>1</sup> Professora do ensino médio, formada em filosofia pela Faculdade Nossa Senhora de Medianeira e Mestre em Filosofia da Educação pela UNICAMP e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP. Além desse trabalho, ela é autora de outro livro que trata desse assunto, chamado *Ensinando a Pensar com as Ideias que contam histórias, histórias das ideias do zé. Livro de orientação para professores*.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, autor de, no campo de ensino de filosofia, *Ensino de Filosofia: Teoria e Prática*, atuando nessa obra como organizador, *Filosofia do Ensino de Filosofia*, também como organizador, *Filosofia no Ensino Médio*, organizador e autor de um dos capítulos e *Ética e Cidadania: caminhos da filosofia (elementos para o ensino de filosofia)*, livro de sua autoria.

Todos estamos hoje intensamente à mercê da roda-viva da indústria cultural, hipnotizados, produzindo e consumindo, produzindo e consumindo. Porém, poucas vezes algum de nós é convidado a pensar sobre o significado das tradições, a pensar sobre a pertinência dos julgamentos do senso comum, sobre os critérios procedimentos e razões das ciências, pensar criticamente sobre o significado de nossas ações e pensamentos. Quem pode promover esse tipo de pensar sobre o mundo é a filosofia. Ensinar filosofia pode proporcionar aos jovens uma outra disciplina em seu pensamento (ASPIS & GALLO, 2009, p. 11).

Para que os alunos não se tornem, por demais dependentes do professor, mas interajam com ele, buscando ir além do que lhes foi transmitido, a filosofia tem o papel de formar cidadãos, conscientes de si e do mundo na qual estão inseridos.

O livro é dividido em três partes, parte 1: “o que ensinar?”, Parte 2: “como ensinar?” e parte 3: “apêndices”. Na primeira trata-se de várias questões que giram em torno da pergunta: o que ensina? A discussão acerca dessa questão é que a filosofia é um campo do conhecimento consolidada há muito tempo, e por esse motivo podemos delimitar quais são os limites do que é ou não filosofia. Também é próprio da filosofia possuir um discurso que a caracteriza, esse discurso tem muitas vezes a pretensão de produzir novos saberes. Mas, para se produzir novos saberes, é necessário que haja ordem, ordem no pensar que lhe permita ir além do que já foi experimentado, pensado. E por fim a filosofia é uma forma de riqueza intelectual, uma educação do pensamento; a filosofia é uma disciplina do pensamento.

Uma das conseqüências do trabalho da filosofia é a da criação de conceitos. Essa é uma proposta cunhada pelos filósofos Deleuze e Guattari<sup>3</sup>, que defendem que a filosofia não é contemplação, reflexão e comunicação. Comprometendo-se com a noção de que filosofia é criação de conceitos, o ato de contemplar não é criativo, o mundo é visto como tal e não tem nada a ver com conceitos. Não é comunicação porque a comunicação visa o consenso e muitas vezes o conceito gera conflitos, inviabilizando o consenso. E não é reflexão, porque não cabe somente à filosofia o ato de refletir, não sendo isso o que caracteriza a filosofia. E já que a criação de conceitos é o que permite a própria filosofia a contemplar, refletir e se comunicar, então a especificidade da filosofia passa a ser a criação de conceitos.

<sup>3</sup> Aspes toma como referencial teórico para esse trabalho em especial Gilles Deleuze e as conversações que ele teve com Michel Foucault e a influência que ambos tiveram de Nietzsche.

A criação de conceitos é específica da filosofia, ela é a única que se volta a esse trabalho. Conceito, para Deleuze e Guattari, é uma forma de exprimir o mundo, o acontecimento. Essa especificidade da filosofia deve ser levada para sala de aula, e lá ela também não deve ser transmitida como contemplação, pois seria uma estagnação e paralisia. Não é apenas diálogo, pois com isso não se garantiria a formação de conceito, mas apenas a enunciação de opiniões, da mesma maneira ocorre com a reflexão que não é dada apenas a filosofia, outras disciplinas, possuem a característica de serem reflexivas, não podendo ser essa uma particularidade da filosofia. Em sala de aula a filosofia deve ser criação de conceitos, mas não a partir do nada podendo se recriar outros conceitos, tomando como fundamento o que já existe.

O papel da filosofia na escola é o de estimular o aluno a pensar, não só sobre o mundo, como as outras disciplinas já fazem, mas pensar sobre si mesmo, sobre o próprio ato de pensar. Nas outras disciplinas se pensa, mas não se diz o que é o pensar, muitas vezes não o faz voltar-se a si mesmo. Para Foucault, esse movimento é uma forma de engrandecimento e transformação pessoal e, por isso mesmo, de fundamental importância no período da juventude, em que os alunos se encontram na escola de nível fundamental e médio. Nesse trabalho a filosofia não está sozinha, mas conciliada com a noção de função que é provinda da ciência e os afetos provindos da arte, é o que podemos chamar de zona de interdisciplinaridade, conciliando os três grandes pilares do pensamento: a arte, ciência e filosofia.

Outra grande dificuldade em sala de aula é o de se saber que conteúdo de filosofia ministrar: por temas filosóficos ou história da filosofia. A sugestão escolhida pelos autores, Aspis e Gallo é a de que ensinemos por temas, já que o ensino da história da filosofia pode ser desfavorável ao objetivo da filosofia. A história da filosofia não é por si só capaz de estimular o aluno, mas apenas dar ao aluno uma gama de pensamentos que não serão aproveitados pelos mesmos. O ensino de filosofia por temas é, por sua vez, capaz de aproximar o aluno da filosofia e de sensibilizá-lo para a experiência do pensamento.

Entretanto, por mais que a opção de ensinar filosofia por temas seja mais interessante que pela história da filosofia, ela não deve ser desprezada. Como diz Deleuze, a história da filosofia deve ser interpretada como uma reprodução do discurso de filósofos do passado, um meio didático de se ensinar filosofia, mas sempre com a finalidade de se formar conceitos, mas não se encher do conceito dos outros.

Essa não é a única decisão a que o professor deve tomar, ele também se encontra diante do dilema: ensinar filosofia ou a filosofar? A saída para essa questão é a de que não há uma

possibilidade isolada da outra, ensinar filosofia, prescinde o filosofar e vice-versa. O importante é a experimentação do pensamento filosófico.

Esta distinção entre ensinar filosofia ou ensinar a filosofar precisa, pois, ser superada e abandonada pelos professores. O que ela fez entre nós foi embasar duas posições complicadas: a de afirmar um ensino de filosofia baseado em habilidades e competências de pensamento, esvaziado de conteúdo (quando se põe ênfase no processo do filosofar); e a de afirmar um ensino conteudista da filosofia, negando a possibilidade da experiência do pensamento pelos estudantes, quando lança ênfase sobre o produto da filosofia (ASPIS & GALLO, 2009, p. 61).

Nesse sentido, o caráter inovador no ensinar filosofia seria, primeiro, sair da *doxa* para a *episteme*, segundo os moldes platônicos, recusando as opiniões para seguirmos rumo ao conhecimento, a criação do novo. Em segundo lugar, os jovens teriam a filosofia no ensino médio transmitida através da transversalidade, algo, que os autores nos alertam, não deve ser confundido com interdisciplinaridade. A transversalidade rompe com a ideia de disciplina, deixando que os alunos tenham contato com os saberes nas suas diversidades, maximizando o espírito criativo de cada um. E por último, conseguimos eliminar a dicotomia entre filósofo e professor de filosofia, já que ambos são um só, com o dever de revitalizar a filosofia, retirá-la do estado de conformismo levando-a para o estado de transformação.

Essa transformação só se dará se o aluno tiver contato com a filosofia, mas não de maneira monótona, onde o professor fica à frente da turma reproduzindo os pensamentos dos filósofos, o aluno tem de se integrar aos problemas da filosofia. E para isso existem métodos, regras para o pensamento, todavia, não há um método universal, cada professor tem de adotar um método próprio que tenha como objetivo possibilitar aos alunos construir os seus próprios métodos também, ou seja, o método do professor deve ser aquele que auxilie o aluno a adquirir autonomia, em vez de tornar-se um eterno dependente da autoridade de alguém que se mostra à sua frente. E tudo isso deve ser feito com cautela e estratégia para não cairmos no nível apenas das opiniões, como já foi dito, já que essa autonomia deve ser o resultado de um trabalho, de um esforço intelectual de cada aluno.

Agora na segunda parte da obra, “como ensina?”, os autores partem para uma abordagem mais prática, circunscrevendo a discussão em torno da pergunta: como ensinar? Uma das primeiras coisas esclarecidas nessa parte é que para o método funcionar é necessário não só interesse do professor, mas do aluno também, que muitas vezes olha para a filosofia com

preconceitos, principalmente porque ela não é disciplina do vestibular e bastante abstrata, cabendo ao professor, nesse aspecto, exaltar a importância da filosofia – independente do vestibular – e conduzir o aluno para a possibilidade de alcançar um nível de abstração que o permita se inserir no discurso filosófico. O ideal para o professor é sensibilizar os alunos pelo interesse à filosofia através dos seus problemas, problemas esses que estão no cotidiano de cada aluno. A filosofia e a vida deles não estão distantes uma da outra.

Após despertar esse interesse, a sugestão dos autores é que os professores façam uso dos textos dos próprios filósofos, como também recursos didáticos como músicas, vídeos, algo que desperte ainda mais o interesse do aluno. Nesse primeiro momento, os alunos têm total liberdade de se expressarem, de exporem suas opiniões, pois ainda estão sendo atraídos para um novo mundo que os espera, o mundo do conhecimento, da experiência do saber.

Passadas as etapas de sensibilização e problematização, não há um caminho certo a se tomar, já que não há um método específico de se ensinar filosofia. O que os professores Aspis e Gallo fazem são nos dar sugestões, possíveis meios para isso. A estratégia seria a leitura filosófica, que são os diálogos com os textos dos filósofos, juntamente com o conhecimento da história da filosofia que trará o fundamento para a prática da escrita filosófica. De maneira geral são cinco as etapas do ensino de filosofia: sensibilização, problematização, leitura de textos filosóficos, a história da filosofia e a escrita filosófica.

Dentre todas essas etapas, pela experiência que os autores têm em ensino de filosofia, a mais difícil aos professores é a da problematização, pois cada aluno traz de casa, da sua comunidade, uma gama de crenças e certezas, e muitas vezes eles se encontram endurecidos e inflexíveis a mudanças, mas sem a dúvida e a incerteza não há como se seguir em frente em filosofia. É nesse instante que entra o papel mediador do professor que incita a dúvida e a incerteza no aluno mostrando-lhes outras possibilidades e novos horizontes.

O papel mediador do professor é o de lançar a dúvida e a incerteza nos alunos para quebrar e romper com as suas crenças, que muitas vezes estão enraizadas neles sem que tenha havido nenhum tipo de reflexão. Essa atitude do professor deve suscitar nos alunos o questionamento, um questionamento interno. E todo esse processo possui uma finalidade, não é simplesmente a destruição das crenças, mas um movimento que possui finalidade, um objetivo.

A problematização é apenas o início da investigação, já que uma pergunta leva a outra, esse é o jogo da investigação filosófica. Isso, ao mexer com os alunos, repercutirá com uma explosão de perguntas e dúvidas que deverão ser aproveitadas pelo professor como uma porta de acesso ao próprio aluno, que nesse momento já se encontra fisgado pela filosofia.

A próxima etapa é a da leitura de textos filosófico e a crença de Aspis e Gallo é de que os alunos podem, sim, ler textos filosóficos, pois é por meio deles que nós, professores de filosofia, chegaremos às primeiras respostas às problematizações da etapa passada. O aluno deve primeiro ter um contato por si só com a leitura, sem que o professor interfira, ele deve aprender a ler, a dialogar com o filósofo alvo em sala de aula, é apenas com liberdade que o aluno chega as suas próprias conclusões. Por isso que ele deve estar em contato com a obra do próprio filósofo e não de comentadores ou manuais, já que isso o distanciaria do pensamento original.

Esse contato com as leituras filosóficas é de extrema importância para que possa ser inserido a noção de história da filosofia. Ela, por sua vez, trabalha em consonância com a leitura filosófica. A história da filosofia dá o chão em que as leituras filosóficas se encontram, situando-a no tempo e no espaço. A história da filosofia, apresentada aos alunos através dos manuais, deve deixar claro ao aluno que o filósofo é um homem de seu tempo, que ele discutia com outros pensadores de sua época, que possui problemas próprios e característicos daquele tempo e localidade. São muitos os fatores que influenciam o pensamento dos filósofos e tudo isso faz parte do estudo da história da filosofia, tais informações não devem ser negadas ao aluno, para que a sua experiência em filosofia seja ainda mais enriquecedora.

A leitura de textos filosóficos, complementada pela contextualização histórica do filósofo, possibilitarão os alunos a darem os seus primeiros passos rumo à escrita filosófica. Após o contato com o pensamento vivo dos filósofos é hora de colocar para fora tudo aquilo que fervilha na mente do aluno. É hora do reinventar, recriar, é o momento de criar novos conceitos. E claro, tudo isso vem com a prática, o segredo está na persistência.<sup>4</sup>

O aluno é livre para criar, mas ao fundamentar seus novos conceitos deve usar os anteriores de modo correto, é nesse ponto que entra os conhecimentos do professor em auxílio do aluno. Ele também deve estimular o aluno a olhar para a sua realidade, para o seu tempo e ver nisso os problemas que podem ser discutidos, no olhar para o seu tempo e espaço o aluno se vê capaz de criar novos conceitos e a trilhar uma investigação filosófica.

E como saldo de todo esse processo de ensino de filosofia, terminamos por ter que avaliar o aluno. Segundo Aspis e Gallo, esse também é um momento de ensino, pois a avaliação em filosofia não deve seguir os moldes tradicionais de seleção e exclusão, limitando assim a experiência filosófica a padrões pré-estabelecidos e castrando a criatividade que estaria agora dentro dos padrões de certo ou errado. A verdadeira avaliação, por parte do professor, é aquela

---

<sup>4</sup> É por isso que é inadmissível que ainda hoje no estado do Piauí, as escolas de ensino fundamental ainda não tenham em sua grade curricular a disciplina de filosofia e no ensino médio ela ainda só se encontra presente no 1º ano desse nível, inviabilizando, por falta de tempo, o trabalho do professor.

em que ele incita o aluno a se auto-avaliar, a fazer uma investigação do seu próprio pensamento. Dessa maneira o professor tem como, juntamente com o aluno, chegar a um juízo em relação ao desenvolvimento do aluno na prática da filosofia.

Na terceira parte do livro, “Apêndices”, temos uma série de sugestões para os professores. Aqui é um momento em que os autores vendo as dificuldades que seria a aplicação desse trabalho, até mesmo por parte dos professores, dão dicas específicas da postura do professor em sala de aula. Tratando de assuntos que vão desde a importância do uso do caderno nas aulas, para que os alunos façam “diários de bordo” a cada aula, do quanto o professor deve exigir do aluno em cada etapa do ensino. Táticas de leitura, onde o professor deve ensinar os alunos a ler e não só decodificar os sinais gráficos no papel, sublinhando e marcando os pontos mais importantes de um texto.

Nesse aspecto é ressaltada ainda a importância da preparação prévia das aulas expositivas por parte do professor, para que ele tenha em mente tudo que irá expor aos alunos, incluindo o que ele vai escrever no quadro ou pedir para os alunos anotarem no caderno. Para em um segundo momento o professor, utilizando os conceitos que os alunos têm anotado no caderno, eles possam montar um quadro de conceitos, onde possam fazer uma relação entre os vários conceitos que já viram de acordo com a perspectiva de cada filósofo.

A sugestão dos autores quanto à avaliação, além do que já foi dito, é que façamos uma correção no quadro, colocamos as respostas a vista de todos os alunos. Cada aluno com a sua prova nas mãos, já corrigidas pelo professor, mas sem nenhuma nota, devem avaliar as suas respostas comparando com as que o professor colocou no quadro. Essa atitude visa incumbir no aluno que não é a nota que deve ser priorizada em filosofia, mas o seu desenvolvimento reflexivo na disciplina.

Por fim, temos a sugestão de incentivo à publicação dos trabalhos dos alunos. Resultado da etapa de ensino, escrita filosófica, isso funciona como um incentivo a mais para que os alunos dêem ainda mais importância ao estudo de filosofia. Apresentando esses trabalhos dentro da própria escola. Para incentivar os professores, publico alvo dessa obra, os autores dão indicações de bibliografia que orientam e capacitam professores para a prática da docência. E como, já foi dito, a prática do ensino de filosofia deve ser dinâmica e mutável, valendo-se assim da busca em outras fontes bibliográficas, por parte do professor, para exercer esse seu ofício.

Essa obra – com um conteúdo instrutivo, para professores recém formados e para aqueles que se formaram, mas não tem experiência com o ensino de filosofia – devem atentar para essa leitura, que além de ser reflexiva, é bem sugestiva sobre todos os aspectos que

envolvem tanto a filosofia, como o seu ensino. E ao contrapormos, todos esses aspectos, abordados no livro, com a prática do ensino de filosofia iremos perceber que existe muito trabalho a se fazer para mudar a realidade do ensino de filosofia no Brasil. Esse modelo sugerido pelos autores não deve ser visto como uma utopia, mas como algo de urgente que deve ser realizado.

A partir de nosso conhecimento das grandes dificuldades que sabemos que os professores passam para selecionar táticas de ação em sala de aula, para pensar em formas práticas de atingir seus objetivos de ensino em cada etapa, para articular a lógica das diversas partes de um curso em direção de seus objetivos (...) Assim, esperamos poder contribuir para o pensamento e as práticas filosóficas do ensino de filosofia no Brasil, principalmente neste momento tão profícuo que estamos, da volta da obrigatoriedade do ensino de filosofia em todas as escolas de ensino médio do país. (ASPIS & GALLO, 2009, p. 24).

Esse é o diferencial dessa obra para as demais publicações no Brasil, pois o seu intuito não é o de formar professores que reproduzem métodos, mas que a partir dessa leitura, sejam capazes de formar o seu próprio método, por isso, os autores trabalham em uma perspectiva sugestiva e não impõe o que eles dizem como o único método possível de se ensinar filosofia. Não é um livro de normas e técnicas de ensino, mas um manual com dicas e sugestões que ensinam o próprio professor a se desenvolver e amadurecem nessa atividade.

E para tanto a primeira medida a se tomar é a de mudar a nossa perspectiva que, enquanto professores, temos em sala de aula. Não devemos deixar que a filosofia torne-se apenas mais uma disciplina, mas tenha o papel de, juntamente com todas as outras disciplinas, incentive cada vez mais os jovens a pensarem, a buscarem suas respostas e não simplesmente aceitar acriticamente os valores de uma sociedade capitalista e consumista. Todas essas abordagens sobre o ensino de filosofia repercutirão na formação de adultos trabalhadores, que poderão ser capazes de mudar a realidade da atual sociedade. A filosofia não trabalha sozinha, mas pode, também, ser aquela que incentiva e impulsiona a melhoria na educação do nosso país.